

# Comunidade indígena repudia tese de Jaguaribe

■ Índios e ambientalistas do Litoral condenam a integração proposta. ■ Eles consideram que isto pode representar o fim da cultura indígena

Luiz Marcelo Ferreira  
Sucursal de Itanhaém

As recentes declarações do professor e sociólogo Hélio Jaguaribe de que os índios devem ser integrados à sociedade branca, até o ano 2000, além de não terem sido bem aceitas pela comunidade indígena do Litoral Sul, foram motivo de críticas contundentes.

Na última sexta-feira, dia em que os índios de Itanhaém participam da feira da Avenida Rui Barbosa, no Centro, vendendo palmito e artesanato, vários deles podiam ser vistos. Dos poucos que concordaram em falar, o índio Tibiriçá, ou Josué na língua portuguesa, garantiu que esta teoria acabaria, de vez, com as tradições de seu povo. "Acho que ele (Jaguaribe) está errado. Somos os verdadeiros donos dessa terra. Estão que-

rendo nos transformar em homens brancos e isso, no final, vai acabar matando metade dos índios", disse ele, usando como exemplo o que vem acontecendo com sua própria vida.

Com 31 anos e casado, ele saiu da aldeia de Peruibe para trabalhar com o ambientalista Ernesto Zwarg, na Cidade. "É complicado morar aqui. Não uso nenhum remédio feito pelo homem branco, pois eles têm muitos produtos químicos. Isso faz mal ao nosso organismo. O remédio do índio é feito com raízes e plantas e muito melhor, já que é natural", acrescentou Tibiriçá, lembrando que cerca de 60 famílias ainda moram em sua aldeia.

Referindo-se a Zwarg como "o homem que se preocupa com a natureza", o índio explicou que todos aqueles que se medicaram com remédios brancos



Para Tibiriçá, a integração acabaria com a tradição indígena

acabaram ficando mais doentes do que já estavam. "As aldeias que já misturaram medicamentos, religião e culturas brancas estão acabando. Os rituais indígenas não existem mais".

Josué acredita que a situação dos índios só irá melhorar quando for feita uma nova demar-

cação nas terras. "Os fazendeiros estão invadindo tudo e ninguém faz nada contra isso. Em Peruibe, por exemplo, estamos sendo colocados cada vez para mais longe. O acesso que tínhamos para a Cidade já desapareceu", concluiu ele, que deixou sua esposa na aldeia para trabalhar na Cidade.

## Ambientalista fará protesto

"Ele tem nome de índio, mas agrade os índios. Deveriam lhe tomar o sobrenome". Esta afirmação de Ernesto Zwarg mostra bem como as declarações de Jaguaribe repercutiram junto aos índios e às pessoas que ainda tentam preservar a cultura deste povo. Aliás, as críticas ao sociólogo serão levadas, amanhã, para o Congresso Internacional de Direito Ambiental e Codificação da Legislação Ambiental, que será realizado em São Paulo, reunindo técnicos de várias entidades.

"Vamos para lá com índios de Itanhaém e de Peruibe. Distribuiremos este protesto durante a abertura dos trabalhos. O Hélio Jaguaribe fez um comentário equivocado. Ele tem comprometimento com o sistema que visa construir um estado-emergente e que uma reduzida fração da sociedade brasileira, constituída por uma elite privilegiada materialmente, está exigindo o progresso a qualquer custo", criticou o ecologista acrescentando que esta teoria vai trazer sérios prejuízos aos índios. "Querem colocá-los em fábricas, feito bóias-frias. Vão tomar dos índios a madeira e os minérios, para construir fazendas de mo-

noculturas, que, posteriormente, podem ser entregues a grupos internacionais".

**Itanhaém** — Ernesto Zwarg também não poupou críticas à sua própria Cidade. "O que vem acontecendo com os índios de Itanhaém é uma vergonha para a sociedade, suas autoridades e congregações religiosas. Os índios eram os donos desta beirada de mar salobro, com abundância de caça e pesca. A civilização os expulsou para a beira da Serra do Mar, onde eles são atacados por mosquitos-borrachudos. Isso sem contar o uso de agrotóxicos da aviação-agrícola, que está acabando com tudo, até com os peixes", disse ele.

O ecologista encerrou suas críticas lembrando que a área indígena vive sendo alvo da especulação de areíras, caçadores e exploradores de palmito. "São terras boas, que foram garantidas aos tupis-guaranis pelo ex-secretário do Meio Ambiente, Paulo Nogueira Neto. Foi ele quem destinou essas glebas aos índios. Temos 300 igrejas e nenhum albergue para que os índios possam dormir na quinta-feira, antes de trabalharem na feira". (LMF)

## Pequeno índio mobiliza Cidade

A situação do índio de 6 anos de idade, que está internado e abandonado no Hospital Municipal de Itanhaém, também será encaminhada ao Congresso Internacional de Direito Ambiental. Este evento reunirá técnicos de Secretaria Estadual do Meio Ambiente, Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, Cetesb, Fundação Florestal, universidades e órgão de outros países.

Desde que o caso tornou-se público, através de *A Tribuna*, muitas pessoas passaram a se preocupar com o futuro do menino Celso Guarani. Ele foi internado há três meses com anemia, desnutrição e hepatite. Durante quase 90 dias não recebeu uma única visita, nem mesmo de seu pai, o índio Sebastião da Silva.

Passado este tempo, graças a contatos da diretoria do hospital com a administração da Funai, em Bauri, o responsável pelo menino foi localizado e garantiu que cuidaria de seu filho na aldeia,

juntamente com o cacique Ângelo. Foi cogitada a hipótese de Celso ser levado para Bauri, onde receberia assistência de uma aldeia local, com mais infra-estrutura do que a de Itanhaém.

Esta ajuda, porém, foi recusada e Celso voltou para sua casa com roupas novas e alimentos. Quando tudo parecia resolvido, houve um retrocesso e o índio reapareceu no Hospital Municipal apresentando um quadro clínico pior que a primeira vez. Há 20 dias, ele vem sendo medicado e a o médico responsável pela enfermagem, Gerson Pendl chegou a dizer que ele está "definindo aos poucos".

Algumas mulheres de Itanhaém já iniciaram um movimento para sensibilizar a Funai e o Ministério Público para que o pequeno índio possa ser adotado por uma família branca. "É um problema sério, que precisa chegar ao conhecimento das autoridades", afirmou o ambientalista Ernesto Zwarg. (LMF)